

Reação de candidatos é decisiva para o mercado

Para ex-negociador do FMI, críticas ao governo podem pôr tudo a perder

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON – “A questão chave, agora, é a reação dos candidatos à Presidência”, disse ontem o ex-secretário do Tesouro adjunto para assuntos internacionais, Edwin Truman, momentos depois do anúncio do novo acordo de US\$ 30 bilhões entre o governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI). “Se os candidatos disserem as coisas certas, ajudarão a acalmar o mercado. Se usarem o anúncio para criticar o governo, colocarão tudo a perder.”

Truman participou de todas as negociações de dívida nos anos 80 e 90, como diretor internacional do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) e depois no Tesouro, na segunda metade do governo Clinton. Hoje ele é pesquisador do Instituto de Economia Internacional (IIE), em Washington. Para que o acordo produza o choque positivo de expectativas no mercado, para o qual foi calculado, “é essencial que os candidatos digam que o acordo é construtivo e que eles apóiam os esforços do atual governo para tranquilizar o mercado”. “Se eles não perceberem isso, não devem ser presidentes do Brasil.”

Para Truman, “o fato de se tratar de US\$ 30 bilhões de recursos só do FMI e de o Fundo ter concordado em reduzir o teto das reservas líquidas em US\$ 10 bilhões torna o acordo bastante impressionante”. Os negociadores brasileiros terão reuniões informais hoje com as diretorias executivas do Banco Interamericano de Desenvolvimento e do Banco Mundial para explicar o acordo.

O economista John Williamson, também, do IIE, enfatizou o mesmo ponto. “Se todos os candidatos estiverem, de fato, prontos a endossar esse acordo, então o mundo saberá que a viabilidade a longo prazo da política econômica está assegurada e, portanto, que o risco Brasil está sendo exagerado.”

O Departamento do Tesouro aplaudiu a decisão do FMI, num comunicado em que voltou a afirmar que o Brasil “tem políticas corretas”. Em uma clara mensagem aos candidatos, acrescentou que “os EUA estão pron-

tos a apoiar o Brasil, à medida que o País continue a implementar essas políticas”.

Fator político – A exemplo do que ocorreu em agosto de 2001, quando o País obteve um crédito de US\$ 15,7 bilhões do FMI para prevenir os efeitos da crise argentina, o anúncio ontem foi feito primeiro em Brasília. Isso não aconteceu por acaso. “É importante enfatizar que o programa pertence ao Brasil, e não ao FMI”, disse uma fonte da instituição.

Ó empréstimo foi estruturado de maneira a enfatizar a responsabilidade dos candidatos à sucessão presidencial. “Colocaram uma tremenda cenoura na frente dos candidatos da oposição”, disse um executivo de um banco europeu, que não quis ser identificado. De fato, US\$ 24 bilhões dos US\$ 30 bilhões do novo crédito anunciado são para desembolso em 2003. “Eu acho que é uma tentativa valente do FMI e do governo brasileiro para manter aberto o caminho para uma solução positiva”, acrescentou. “O mercado dirá.”

O economista Lawrence D. Krohn, diretor do departamento de pesquisa para a América Latina do banco de investimentos

ING Financial Markets, prevê uma reação positiva do mercado. “O acordo afasta por completo a possibilidade de um default da dívida no Brasil este ano”, disse ele. “A curto prazo, o real vai valorizar

e a taxa de juros vai cair.”

Mas Krohn observou que a velocidade da negociação e o montante do acordo, que surpreenderam positivamente, o mercado, “mostram quão preocupados o FMI, o Tesouro, o governo brasileiro e o Banco Central estavam com a situação”.

O economista Ricardo Amorim, da Idea Global, em Nova York, também previu uma reação positiva do mercado. Mas, a exemplo de Krohn, afirmou que o acordo com o FMI afasta o espectro da quebra do País apenas a curto prazo.

Na opinião tanto de Amorim quanto de Krohn, apesar da melhora que o novo acordo trará, o fator político continuará a alimentar o nervosismo no mercado. “Enquanto Lula e Ciro estiverem na frente nas pesquisas a intranqüilidade continuará, pois nenhum dos dois inspira confiança”, disse Krohn. “O acordo abre um espaço para uma possível alteração da dinâmica eleitoral e para a ascensão de Serra e, nesse sentido, é também muito positivo”, afirmou Amorim.

TESOURO DOS
EUA APLAUDIU
DECISÃO
DO FMI